



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a celebração do Natal da Vida e Cidadania dos catadores e da população em situação de rua

São Paulo - SP, 22 de dezembro de 2007

Presidente: Feliz Natal. Olhem, eu só queria dizer para vocês que estou muito alegre, porque nós terminamos o ano de 2007 num momento bom para o Brasil, num momento bom para o povo brasileiro. Este é o quinto encontro do qual eu participo com os moradores de rua de São Paulo e com os catadores, os homens e as mulheres que reciclam lixo neste estado. Nós estamos dando uma contribuição para que essas pessoas conquistem, definitivamente, a sua cidadania. Eu sonho que a gente construa, definitivamente, um País para todos, em que todos sejam tratados de forma respeitosa, com dignidade e que todos possam conquistar a cidadania. A evolução que eu sinto, do primeiro encontro que fiz com eles para este, é uma coisa extraordinária. Portanto, eu fico feliz. Eu vou, agora, para Brasília, vou passar o Natal com a minha família. Só posso dizer ao povo brasileiro que, certamente, o Natal de 2007 foi melhor do que o de 2006, e eu trabalho para que o de 2008 seja melhor do que o de 2007. Quero que vocês, da imprensa, também tenham um Feliz Natal. Descansem porque, no ano, vão ter muitas entrevistas, no próximo ano, vão ter muitas conversas, muitas viagens.

Jornalista: O senhor pretende montar um acordo, de forma concreta, para que seja (inaudível) a votação da CPMF?

Presidente: Não. De vez em quando, as pessoas acham que o Presidente ficou nervoso, ou o Presidente foi derrotado. Nem eu fiquei nervoso e nem fui derrotado. Não fui eu quem criou a CPMF, a sociedade brasileira, sobretudo a



parte mais pobre da população, precisava da CPMF, as pessoas que votaram sabiam disso. Nós tínhamos maioria, tanto é que tivemos 45 votos de 81 senadores, mas como era uma emenda constitucional precisava de três quintos e, portanto, faltaram 4 votos.

Eu acho que nós temos que encarar isso como o resultado da prática democrática de um país. Nós criamos regras, regimentos, normas e, quando elas são utilizadas, a gente perde e ganha. Eu acho que nós temos que encarar isso com muita naturalidade. Agora, eu tenho consciência de que, tanto os senadores que votaram a favor quanto os que votaram contra, sabem que é preciso encontrar uma fórmula para que a gente possa colocar o dinheiro que estava previsto ser colocado para a saúde. Havia duas possibilidades para a saúde: uma, era a colocar 24 bilhões de reais até 2010, e a outra, era colocar 40 bilhões de reais até 2010, o que significaria a gente poder garantir à sociedade brasileira: médicos nas escolas para as crianças desde o começo, dentista, oftalmologista. Isso, agora, vai parar até que a gente, Congresso e governo, encontremos uma solução de como repor os 40 bilhões ou parte deles no Orçamento da União.

E eu acho que isso vai se dar com muita conversa, com muita política de convencimento com todo mundo, porque cada senador vale um voto, seja ele da oposição ou da situação, e nós precisamos trabalhar, entendendo que democracia é assim. Obviamente, que o Brasil teve momentos mais fáceis, em que o Congresso não apitava nada, porque foi fechado. Nós queremos que o Congresso seja o mais livre possível, o mais autônomo possível, e isso acontece.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Obviamente, que nós, agora... Sabiamente, o ministro Paulo Bernardo permitiu, num encontro com o Congresso Nacional, que o orçamento



seja discutido em fevereiro. Obviamente, que nós vamos fazer um ajuste no orçamento e, dentro do ajuste, nós vamos ter que fazer contenção de despesas, o governo vai ter que fazer contenção de despesas, e vamos ver o que vai ser criado, de novo, para a gente poder compatibilizar os 40 bilhões que vão faltar no Orçamento.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, não haverá, e isso eu posso garantir. Não haverá um centavo de corte nas políticas sociais do governo, e não haverá um centavo de corte no PAC. Agora, essas coisas, também a gente não tem que tomar decisão rapidamente. Você precisa se sentar, conversar com todos os atores da política nacional, conversar com o ministro da Fazenda, com o ministro do Planejamento e com outro Ministério, e vamos, então, decidir o que fazer.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu estou totalmente tranquilo de que nós vamos encontrar uma solução e, obviamente, que eu não posso dizer o que vai haver e o que não vai haver, porque nós vamos decidir só a partir de janeiro. Eu, agora, quero descansar no Natal, quero trabalhar neste Natal e no Ano Novo, quero descansar no Ano Novo, aí, depois, eu vou pensar no que fazer.

Jornalista: (inaudível – Ano Eleitoral)

Presidente: Não acredito que o ano eleitoral venha a atrapalhar nada. Eu acho, e sou favorável – vocês sabem o meu pensamento – eu sou amplamente favorável a uma reforma política. Entretanto, eu estou convencido de que a reforma política, e já disse isso aos líderes, é uma coisa que precisa partir do



Congresso Nacional, via partidos políticos. São os partidos que precisam encabeçar o movimento pela reforma política, e não o Poder Executivo. Eu estou aguardando que eles façam a reforma política. O governo, da sua parte, pretende, a partir do começo do ano, começar a aprimorar a proposta de política tributária para mandar para o Congresso Nacional, a proposta de política industrial, e eu estou convencido de que tudo vai funcionar. Eu quero que vocês saibam que eu estou muito, muito otimista com relação ao ano de 2008. Vocês irão ver um dos melhores anos da história do Brasil.

No mais, Feliz Natal e até outro dia.